

## QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO DE AGRICULTORES

Kelin Luana Schneider<sup>1</sup>, Liciane Diehl<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo procura identificar a autopercepção da Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) dos agricultores da cidade de Estrela, Rio Grande do Sul. Assim sendo, realizou-se uma pesquisa de abordagem quantitativa envolvendo 56 agricultores. Foram utilizados um questionário para coleta de dados sócio demográficos e laborais e o *QWLQ-bref*, que avalia a qualidade de vida no trabalho, sob o ponto de vista pessoal, de saúde, psicológico e profissional. Posteriormente, foram feitas análises descritivas. Os resultados apontaram que a QVT, nos domínios profissional e pessoal, foi satisfatória, e o domínio psicológico mostrou-se muito satisfatório. Apesar de satisfatório, o domínio físico apontou menor satisfação quanto à qualidade do sono e sua interferência no trabalho. Salienta-se a importância de realizar novas pesquisas com esse público, visto que o presente trabalho só identificou o nível de QVT, sem investigar o que tem levado os agricultores, mesmo em condições de trabalho penosas e com cargas horárias excessivas, estarem satisfeitos com suas rotinas de trabalho, principalmente no domínio psicológico.

**Palavras-chave:** Qualidade de vida no trabalho. Agricultores. Trabalhadores rurais.

### 1 INTRODUÇÃO

A preocupação com a qualidade de vida dos trabalhadores é antiga; seu surgimento ocorreu em 1770, com a publicação da obra *De morbis artificum diatribe* (O tratado da doença dos trabalhadores), de Bernardino Ramazzini, na Itália. Nela, são apresentadas cinquenta e quatro doenças relacionadas ao trabalho e às condições laborais (FERREIRA; SOUZA; SILVA, 2012).

Com o passar do tempo, estudos que buscavam identificar a relação entre a satisfação dos trabalhadores e sua eficiência na produtividade começaram a ser desenvolvidos e, somente em meados de 1950, passou-se a utilizar a expressão Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) (FERREIRA, 2013).

---

1 Acadêmica do curso de Administração de Empresas, Universidade do Vale do Taquari (Univates). E-mail: [kelin.schneider@universo.univates.br](mailto:kelin.schneider@universo.univates.br)

2 Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora na Universidade do Vale do Taquari (Univates). E-mail: [lici@univates.br](mailto:lici@univates.br)

Mais recentemente, tem se observado um interesse crescente pelo tema, tendo em vista o aumento da expectativa de vida da população, mais tempo dedicado às atividades laborais, bem como a consciência do direito à saúde e incentivos às discussões sobre responsabilidade social corporativa (LIMONGI-FRANÇA, 2010).

Ferreira (2013) declara que, apesar de não ser um conceito padrão, a QVT busca compreender o ser humano com o intuito de melhorar a satisfação dos colaboradores, além de propiciar um equilíbrio entre ele e a organização. Já para Gramms e Lotz (2017), o objetivo da QVT é proporcionar um ambiente de trabalho agradável a ponto de o funcionário se sentir satisfeito.

O Setor de Recursos Humanos se desenvolveu na indústria; dessa forma, as políticas de QVT se tornaram mais presentes nesse tipo de organização (FERREIRA, 2013). No entanto, é imprescindível o seu aprimoramento em propriedades rurais. Budó, Gonzales e Beck (2003), ao desenvolverem uma pesquisa na Quarta Colônia de Imigração Italiana, no Rio Grande do Sul, evidenciaram uma ligação entre o meio laboral e a saúde do agricultor, mostrando que as atividades desempenhadas por esse profissional influenciavam sua saúde mental.

Segundo Merlo, Bottega e Perez (2014), os pequenos agricultores deixaram de cultivar apenas alimentos e, paulatinamente, vêm migrando para outros setores, como a suinocultura. Conseqüentemente, estão cada vez mais se aliando às indústrias, criando, assim, um novo “mundo rural”. “O camponês ou pequeno agricultor é quase uma figura em extinção” (p. 148).

Muitas pessoas nasceram e se criaram trabalhando na agricultura e, após certa idade, foram em busca de novas oportunidades de trabalho nas cidades. Spanevello *et al.* (2011), ao realizarem um estudo sobre a migração de jovens agricultores para o meio urbano, verificaram que um dos aspectos que tem motivado a saída desses indivíduos do campo foi a procura por uma “vida melhor”, caracterizada por um trabalho menos penoso, aliado a um salário estável e mensalmente recebido.

Se antes a agricultura era vista como uma forma de sobrevivência e só permanecia no ramo quem não tinha outras oportunidades, atualmente, apesar de ser um assunto pouco discutido, é um negócio que deve ser visto sob outra perspectiva. A gestão da propriedade rural é tão importante e necessária quanto qualquer outra organização empresarial. De acordo com Reichert e Gomes (2013), apesar de tantas informações disponíveis, um administrador pode, eventualmente, ter dificuldade em tomar decisões em relação à sua empresa. Para os trabalhadores rurais, isso se torna ainda mais difícil, uma vez que estão inseridos em um contexto de incertezas econômicas e ambientais.

De fato, a estrutura organizacional da agricultura familiar se diferencia das demais, haja vista cada membro ser responsável pela realização das tarefas do negócio e, caso um deles necessite se ausentar, não há quem possa

substituí-lo. Quando isso ocorre, os demais trabalhadores da propriedade têm mais funções a cumprir, resultando em aumento da sua carga de trabalho, proporcionando, assim, um ambiente com maiores riscos à saúde e às enfermidades (SCHLINDWEIN, 2010).

De acordo com o texto “Agricultura Familiar”, publicado em 2019, no site “Agricultura”, a administração e a execução das tarefas na agricultura familiar são realizadas pela própria família, e o agricultor divide sua residência com o local de trabalho (BRASIL, 2019). Assim, observa-se que a sua presença é essencial ao andamento do negócio e diferente de uma organização empresarial, pois nem sempre haverá alguém que possa substituí-lo. Neste sentido, sua ausência pode ocasionar a interrupção da produção e, conseqüentemente, a falta de remuneração.

Os agricultores produzem o alimento, que é essencial à sobrevivência da nação. Por vezes, sua carga horária excede as quarenta e quatro horas semanais, causando-lhes uma sobrecarga de trabalho. Oliveira *et al.* (2013) desenvolveram uma pesquisa sobre a fadiga laboral dos trabalhadores rurais e constataram que 57,9% dos entrevistados apresentavam algum tipo de esgotamento após concluírem suas tarefas diárias. Apesar de estarem assegurados pela Constituição de 1988, ainda possuem dificuldades de ter acesso a meios sociais e direitos básicos, tais como saúde, previdência e assistência social (SCHLINDWEIN, 2010).

Sch lindwein (2010), ao desenvolver uma pesquisa qualitativa com plantadores de fumo do nordeste gaúcho, constatou que as pessoas consideravam o trabalho dos agricultores mais fácil por não possuírem um patrão. Entretanto, o fato de as responsabilidades serem maiores o tornava mais difícil. “Ao contrário, os trabalhadores têm uma extensa jornada de trabalho. A média da jornada de um dia de trabalho de todos os entrevistados ficou em torno de dezessete horas diárias, nos dias de plantio, colheita e outras atividades” (p. 89).

O trabalho dos agricultores também pode ser afetado pelas condições climáticas, já que a produção é dependente desse fator. A reportagem “A estiagem causa perdas de 30% em lavouras de soja do Rio Grande do Sul”, publicada em 2020, no site “Canal Rural”, divulgou notícias sobre as perdas de produção em função da estiagem ocorrida no Estado, no primeiro semestre de 2020, causando um prejuízo considerável aos produtores (POPOV, 2020, texto digital). Alterações inesperadas no clima são variáveis e incontroláveis; conseqüentemente, podem danificar o plantio e aumentar as despesas. De acordo com Reichert e Gomes (2013), a agricultura sofre alguns riscos, sendo um deles a produção que diz respeito às condições climáticas e biológicas.

Em outra reportagem, intitulada “Condições de trabalho no campo ainda são preocupantes”, publicada em 2017, no site “Fundacentro”, a engenheira agrônoma Cristina Gonzaga afirma que o trabalhador rural está exposto a muitos riscos, tais como os corpóreos, haja vista o excesso de movimentos

repetitivos; uso da força; acidentes com maquinários; possível contato com animais peçonhentos; utilização de agrotóxicos. Além do mais, defende que esse grupo de pessoas, em sua maioria, trabalha de forma sobrecarregada e com esgotamento físico e mental (REIMBERG, 2017).

Merlo, Bottega e Perez (2014) sustentam que, com a chegada do capitalismo no meio rural, os agricultores foram obrigados a seguir o proposto pelas indústrias. Tal fato abalou a identidade desses trabalhadores, os quais estavam acostumados com uma forma de trabalho e com base em seus conhecimentos; porém, necessitaram adequá-los aos novos meios disponíveis. Segundo os autores, trata-se de uma mudança em que a agricultura está sofrendo com a modernização, causando certa insegurança e desvalorização social dos profissionais em questão.

Os alimentos são essenciais à vida de qualquer ser humano e, para que sejam produzidos, é necessário que os trabalhadores rurais os cultivem. Sendo assim, no mínimo, uma vez ao dia, o trabalho de um agricultor está presente na vida das pessoas. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), a agricultura familiar é muito presente no mundo, havendo mais de quinhentos milhões de propriedades rurais estabelecidas. Estas são responsáveis pela produção de 80% dos alimentos no Planeta; sendo assim, movimentam a economia, a exportação e estimulam o crescimento da agricultura (TONET *et al.*, 2016). Dada a importância dessa classe profissional, observa-se que o presente trabalho poderá, de alguma forma, dar voz e visibilidade a essa categoria.

Um estudo realizado por Giongo, Kieling e Sobrosa (2017) com suinocultores aponta que um dos fatores gerador de sofrimento a esses trabalhadores era a falta de reconhecimento tanto da sociedade quanto da cooperativa que realizava o abate dos animais. Outro motivo estava relacionado às exigências da agroindústria, que resultavam em sobrecarga de trabalho. Para completar, o fato de esses profissionais não possuírem qualquer vínculo trabalhista, benefícios e proteção social também promovia o sofrimento da classe.

Conforme relata Schlindwein (2010), os trabalhadores rurais necessitam de condições físicas e mentais saudáveis, pois são essenciais à execução das árduas tarefas presentes no meio rural. Além disso, as enfermidades mentais, em decorrência do trabalho laboral no campo, são causadas por fatores tanto pessoais como ambientais, sendo estes precários e caracterizados por riscos de acidentes e adoecimento por uso de agrotóxicos (ARAÚJO; GREGGIO; PINHEIRO; 2013). Assim, é imprescindível reavaliar questões sobre a saúde e o bem-estar dos agricultores.

Entre 1999 e 2001, pesquisas realizadas pelo Sistema de Informação Sobre Mortalidade (SIM) do Rio Grande do Sul demonstram que 14,75% dos óbitos ocorridos em função de acidentes de trabalho eram de agricultores, ocupando o segundo lugar no Estado (SCHLINDWEIN, 2010). Um estudo desenvolvido por Morim e Stumm (2018), com trabalhadores do campo de

Três de Maio, Município situado no Rio Grande do Sul, aponta que 47,9% dos entrevistados apresentavam algum tipo de transtorno mental, concluindo que o uso de agrotóxicos afetava a saúde desses profissionais.

Por sua vez, Picolotto (2012) informa que a inclusão da agricultura nos meios políticos ainda é recente e está em processo de construção. O autor cita alguns programas governamentais com viés econômico e que auxiliam no desenvolvimento desse tipo de negócio. Posto isso, os resultados do presente estudo poderão subsidiar projetos de implantação de melhorias nas condições de trabalho a partir de políticas públicas.

Apesar de todas as dificuldades relacionadas à atividade laboral no campo, a concepção sobre o trabalho na agricultura vem se transformando com o passar dos tempos, já que pode ser um negócio lucrativo. No entanto, para que isso aconteça, é necessário muito conhecimento. Nesse contexto, Carneiro (2001, p. 9) afirma que “Mais tarde, esta situação será invertida: dependendo das condições econômicas da propriedade familiar, permanecer na ‘colônia’ passará a representar um fator de exclusão social”. Sendo assim, esta pesquisa poderá contribuir para mudar a visão sobre essa classe, além valorizá-la ainda mais.

Com base nesses fatores, este estudo tem, como objetivo, verificar a auto percepção da QVT dos agricultores de um município do interior do Rio Grande do Sul RS. Além disso, identificar o perfil sócio demográfico e avaliar os níveis de QVT relativos aos domínios físico, psicológico, pessoal e profissional desses profissionais.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Trata-se de um estudo descritivo, já que o propósito era retratar características de uma população ou fenômeno (GIL, 2012). Quanto à abordagem, é quantitativa, já que teve o objetivo de analisar o seu(s) comportamento(s), a fim de mensurá-lo(s) por intermédio do uso da Matemática ou Estatística (CASSARIN; CASSARIN, 2012; KNECHTEL, 2014). Em relação aos procedimentos técnicos, classifica-se como pesquisa de campo, que, de acordo com Malhotra (2011), consiste em um interrogatório que ocorre mediante a aplicação de um questionário aos participantes com o propósito de colher informações.

## **3 PARTICIPANTES**

A amostra consiste em uma parcela adequada de cidadãos com determinadas características, ou seja, um subconjunto da população ou universo (GIL 2012; MARCONI; LAKATOS 2010). População é um conjunto constituído de elementos com determinadas características (GIL, 2012). Sendo assim, o presente estudo contemplou uma amostra não probabilística de cinquenta e seis dos quatro mil e setecentos e seis agricultores, conforme pesquisa do IBGE

de 2010, residentes no Município de Estrela, no Rio Grande do Sul (IBGE, 2010). Bem como estarem inscritos no Cadastro de Contribuintes de Produtor Rural.

Em relação aos dados sócios demográficos, prevaleceu o sexo masculino (55,40%), com companheiro (76,80%), com filhos (58,90%), sendo 46,40% com até dois. Já a idade média dos participantes ficou em 35,5 anos (DP=13,52), dos quais 35,70% possuíam Ensino Médio completo. A carga horária semanal de trabalho superava as quarenta e quatro horas (80,40%) e com a remuneração acima de três salários mínimos (33,90%). A maioria atuava no campo havia mais de vinte e um anos (55,40%), iniciando as atividades entre zero e quinze anos (60,70%). Quanto ao número de pessoas que atuava na propriedade, a predominância foi de uma a três (46,40%), e o trabalho no meio rural iniciou na(s) geração(ões) anterior (s) (75%).

A maioria dos participantes (64,3%) se dedicava à produção de leite; 32,10%, ao plantio de soja; 30,14%, à criação de suínos (suinocultura); 28,60%, à criação de aves (avicultura). Por sua vez, 28,60% afirmaram realizar outras atividades no campo; por fim, 10,70% cultivavam hortaliças.

#### 4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados por meio de dois instrumentos:

1) Questionário de Dados Sócio Demográficos e Laborais: instrumento autoaplicável, composto de treze questões para identificação do sexo, idade, situação conjugal (com ou sem companheiro), filhos. Além disso, solicitaram-se o nível de escolaridade, carga horária de trabalho semanal, remuneração (avaliada por Salário Mínimo Nacional – SMN), tempo de atuação no campo, quantas pessoas auxiliavam na propriedade, desde que idade trabalhavam na agricultura, quais os itens cultivados e se o negócio foi iniciativa própria ou teve seguimento de gerações anteriores.

2) Questionário QWLQ-bref, *Quality of Working Life Questionnaire*, que foi construído e validado como um instrumento de avaliação da Qualidade de Vida no Trabalho, desenvolvido por Cheremeta *et al.* (2011). Composto de vinte questões, envolvendo quatro domínios: físico/saúde, psicológico, pessoal e profissional. Na sequência, foi inserida uma pergunta aberta a fim de identificar o impacto do trabalho na saúde e na vida dos agricultores pesquisados.

A aplicação do questionário ocorreu por meio eletrônico, com a utilização do método “*Snowball*”, conhecido, no Brasil, como efeito “Bola de Neve”. O nome se deve pelo fato de os entrevistados responderem à pesquisa e repassá-la a outros possíveis participantes até ser obtido o número mínimo de acordo com o cálculo amostral (BALDIN; MUNHOZ, 2011). Assim, para realizar o estudo, o questionário foi elaborado com a ferramenta *Google Formulários*, ou seja, os agricultores deveriam respondê-lo de formas on-line, portanto totalmente anônima.

A aplicação do questionário iniciou em 17/08/2020 e foi encerrada em 05/10/2020, ocorrendo da seguinte maneira: inicialmente, o link foi encaminhado por intermédio de redes sociais, mas de forma privada a alguns agricultores residentes no Município. Posteriormente, a pesquisadora solicitou auxílio dos respondentes na divulgação em grupos de redes sociais destinada a esse público; por fim, divulgou, também em redes sociais, mas de forma aberta; impulsionando, com marcações específicas há alguns produtores residentes em Estrela e, assim, sucessivamente, até chegar ao número de participantes.

## 5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

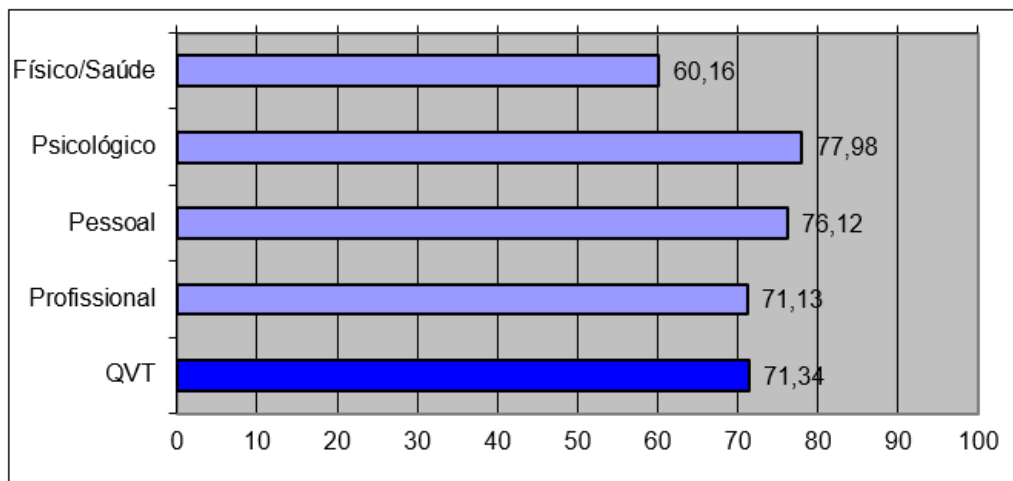
A análise de dados utilizada foi descritiva, que, de acordo com Silvestre (2007), tem o objetivo de expor com precisão os valores obtidos com a pesquisa. Assim, tais dados foram analisados por meio de frequências, médias, desvio padrão e tabulados no Microsoft Excel for Windows®, por intermédio de uma ferramenta que faz os cálculos de forma automática, disponível no sítio eletrônico <http://www.brunopedroso.com.br/qwlq-bref.html>.

Para a análise dos dados, é aconselhado o uso de escala *Likert*, que possui uma variação de 1 a 5, sendo que 1 e 2 consistem em ponderação negativa; 3, neutra; 4 e 5, positiva. As escalas de avaliação que estiverem entre 0 e 22,5 são julgadas como muito insatisfatórias; 22,5 e 45, insatisfatórias; 45 e 55, neutras; 55 e 77,5, satisfatórias; 77,5 e 100, muito satisfatórias (CHEREMETA *et al.*, 2011).

## 6 RESULTADOS

A análise dos dados obtidos revelou que a média da Qualidade de Vida do Trabalho (QVT) era de 71,34%; portanto, dentro da escala satisfatória (55 a 77,5). Embora com a menor pontuação (60,16%), a escala de avaliação do domínio Físico/Saúde se manteve satisfatória. Na sequência, estão o domínio profissional (71,13%); o pessoal (76,12%); já o psicológico (77,98%) se enquadrou como sendo muito satisfatório em conformidade com o gráfico abaixo.

Gráfico 1: Resultados do QWLQ-bref – domínios físico/saúde, psicológico, pessoal e profissional



Fonte: Da autora com base em Cheremeta *et al.*, 2011

A Tabela 1 apresenta os resultados da média e desvio padrão dos quatro domínios: físico/saúde, psicológico, pessoal e profissional.

Tabela 1: Estatística descritiva dos quatro domínios

DOMÍNIO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
Físico/Saúde	3,406	0,624
Psicológico	4,119	0,734
Pessoal	4,045	0,789
Profissional	3,845	0,712

Fonte: Da autora com base em Cheremeta *et al.*( 2011)

## 7 DISCUSSÃO

O resultado aponta que a Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) dos agricultores foi satisfatória, fato que pode estar relacionado à existência de mais incentivos públicos para o setor na atualidade. Conforme estudo realizado por Aguiar (2011), o qual aponta maior desenvolvimento em regiões gaúchas em que incentivos governamentais foram desfrutados em maior nível por estes agricultores, os quais investem em tecnologias a fim de melhorar a execução das tarefas de plantio, colheita, extrativismo, pecuária, dentre outros. Posto isso, observa-se uma melhora nas condições de vida destes trabalhadores.



Os domínios psicológico e pessoal obtiveram as melhores pontuações (77,98% e 76,12%, respectivamente). De acordo com Cheremeta *et al.* (2011), o primeiro aborda questões referentes ao contentamento do trabalhador, sua motivação e auto estima; o segundo retrata aspectos particulares do indivíduo que possam influenciar seu trabalho, tais como a família, costumes, crenças, religião e cultura. A questão com o índice de maior satisfação no domínio psicológico se referiu ao orgulho pela profissão (4,50%). Em consonância, está o estudo de Santos (2016), que envolveu jovens agricultores, constatando que eles estavam satisfeitos e sentiam orgulho de estarem trabalhando no campo e, embora soubessem que as tarefas poderiam ser penosas, eram compensatórias pelo fato de serem seu próprio negócio e impactantes para a economia tanto regional quanto nacional. Segundo Hentz (2014), os jovens optam em permanecer no campo, pois, além de atuarem de forma autônoma, dispunham de tecnologias, como internet, telefone e automóvel.

Quanto ao domínio pessoal, a questão que revelou maior satisfação foi a realização no trabalho (4,27%). Esse resultado pode ser compreendido com base no estudo de Catharin e Sachuk (2012), que investigou o significado do trabalho para as agricultoras entrevistadas, as quais traduziram como sendo uma atividade laboral que valoriza a vida e é prazerosa por ter contato com a terra, além de gerar valorização pessoal e bem-estar. Por fim, destacaram o sentimento de utilidade por estarem gerando o próprio sustento e o de outras pessoas.

Em consenso, Costa *et al.* (2013) apontam que 78,8% dos entrevistados em seu estudo estavam satisfeitos e extremamente satisfeitos com seu trabalho, ressaltando que o fato se devia ao significado que tais agricultores conferiam à seu trabalho. Por sua vez, Barth *et al.* (2016), ao realizarem uma pesquisa com jovens agricultores, constataram que a realização no trabalho rural estava relacionada ao ambiente, pois, além de lhes proporcionar contato direto com a natureza, julgavam-no calmo e agradável, totalmente o oposto do industrial.

Ainda que o domínio físico/saúde tenha apresentado índice de QVT dentro da escala satisfatória, foi o que demonstrou o menor nível de satisfação (60,16%). Esse resultado pode estar associado ao fato de que a maioria dos agricultores trabalhava acima de quarenta e quatro horas semanais e todos os dias da semana, sem desfrutar feriados e finais de semana. Neste sentido, há sobrecarga laboral, envolvendo intensidade e extensão de jornada de trabalho, como também Virgolin, Hillig e Froehlich (2015), que, em seu estudo com agricultores, também identificaram esse problema. Giongo, Monteiro e Sobrosa (2017) indicam que extensas jornadas de trabalho e a ausência de períodos de descanso podem levar à sobrecarga e à exaustão, além de afetar a vida social e familiar do agricultor, aumentando o isolamento e reduzindo a rede de apoio social.

O domínio físico aborda a saúde do profissional, as doenças desenvolvidas no trabalho e seus hábitos. As duas questões com as médias mais

baixas se referem à avaliação da qualidade do sono (3,43%) e no quanto este pode interferir no trabalho (3,21%), o que também foi constatado nas questões abertas da pesquisa: *“Exige muito tempo e esforço físico e mental”*; *“Quando se faz o que gosta, o impacto é menos doloroso, só o cansaço físico às vezes é difícil, mas compensamos de outra forma”*; *“Degradante”*; *“Se torna cansativo e rotineiro”*; *“Tem no impacto de dormir pouco, e às vezes sem descanso...”*; *“escolhi trabalhar na agricultura pq gosto muito, mas é puxado por ser de segunda a segunda”*. Resultado semelhante foi encontrado por Lima (2009) com agricultores cafeeiros. Seu estudo envolveu a divisão da amostra em dois grupos, sendo que a pesquisa visava avaliar alguns aspectos da qualidade de vida; entre eles, o sono. Ambos apresentaram a qualidade deste acima da média ideal (10,60% e 7,48%), sendo que o escore adequado deveria ser de 5 ou menos.

O domínio profissional aborda aspectos organizacionais que influenciam a QVT dos trabalhadores, como a liberdade para criar coisas novas, igualdade de tratamento, sentimento de orgulho do negócio e nível de participação nas decisões, foi o segundo menos pontuado (71,13%). A questão relacionada ao primeiro (liberdade para criar coisas novas) obteve a menor pontuação (3,68%). Franco (2015) defende que o indivíduo que exerce um autogoverno sobre seu processo de labor, com poder de decidir sobre o que e como realizá-lo, possibilita conservar a sua saúde e dispor do cuidado necessário para de si. Em efeito, o controle que tem sobre seu próprio processo de trabalho lhe permite tomar decisões e fazer escolhas.

Nesse aspecto, Silva (2007) identificou um aspecto contraditório em relação à liberdade na execução das tarefas de agricultores cultivadores de fumo de Santa Cruz do Sul. Por um lado, eles dependiam totalmente de sua força física para as lidas do dia a dia. A partir dela e seus conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, planejavam suas rotinas de trabalho. Mas, com um mercado cada vez mais competitivo e exigente, estes agricultores acabavam recebendo orientações para seguir um modelo de trabalho a fim de atender às exigências do mundo capitalista.

Ainda sobre o domínio profissional, a questão relativa à igualdade no tratamento entre os trabalhadores do empreendimento teve a segunda menor pontuação (3,77%). Nessa perspectiva, destaca-se o estudo de Lima e Rocha (2019), o qual apresentou a desigualdade na remuneração do produtor de leite. De fato, o de pequeno porte recebia menos pela venda do produto em relação ao grande em função de a produção em pequena escala não atender aos padrões de qualidade no mesmo nível que a em larga escala e para alcançar um resultado semelhante, seria necessário um alto investimento. Constando-se, assim, que, o produtor com maior produtividade recebe mais, deste modo, desvalorizando os pequenos agricultores.

## 8 CONCLUSÃO

O objetivo do estudo foi verificar a auto percepção da QVT dos agricultores de Estrela no interior do Rio Grande do Sul. Os resultados indicam que os participantes do estudo percebem a sua QVT como satisfatória, evidenciando-se que os aspectos mais pontuados estavam relacionados ao orgulho pela profissão e a realização profissional, podendo ser compreendidos pelo fato de os agricultores estarem atuando no seu próprio negócio e em contato com a natureza. Além do mais, entendiam que o seu trabalho causava impactos positivos à economia e à sociedade.

Ainda que os resultados sejam favoráveis, salienta-se ponderação às questões de menor satisfação no domínio físico/saúde, relativas à qualidade do sono e seu impacto no trabalho. Neste sentido, os dados deste estudo poderão subsidiar ações voltadas a políticas públicas do Município em questão e, assim, refletir em melhorias na a qualidade de vida destes trabalhadores. Identificar os motivos que estejam influenciando a qualidade do sono dos agricultores e promover ações voltadas à conscientização dos riscos psicossociais presentes no contexto laboral são estratégias que podem se mostrar eficazes neste aspecto.

É plausível que se lance luz à saúde, bem-estar e qualidade de vida de trabalhadores rurais, já que não existe forma de considerá-los aptos ou não ao trabalho. Eles dependem totalmente de sua capacidade física e necessitam estar saudáveis para executar suas tarefas, diferentemente de outros profissionais que, quando incapacitados, podem ser substituídos. O trabalhador rural não tem como ser demitido ou afastado das lidas do campo, uma vez que sua subsistência depende exclusivamente dele.

Neste sentido, torna-se crucial o desenvolvimento de estudos com trabalhadores do campo, pois são eles os responsáveis pela produção de alimentos, essenciais à vida de qualquer ser humano. Sendo assim, ao menos uma vez ao dia, os agricultores estão presentes na vida das pessoas. Além do mais, a agricultura movimentada a economia mundial e estimula o crescimento desse setor.

Posto isso, salienta-se a importância de realizar novas pesquisas com esse público, visto que o presente trabalho só identificou o nível de QVT, sem constatar o que tem levado os agricultores, mesmo em condições de trabalho penosas e com cargas horárias excessivas, estarem satisfeitos com suas rotinas de trabalho, principalmente no domínio psicológico. Além disso, reitera-se que os agricultores familiares participantes da investigação possuem rotinas de trabalho diferentes das de outros trabalhadores com vínculo empregatício.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. D. S. D. **Condições de vida, políticas públicas e efeitos no desenvolvimento rural uma análise do programa “RS rural” no contexto das**

**desigualdades regionais no Rio Grande do Sul.** 2011. 220f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/49831>. Acesso em: 16 out. 2020.

ARAÚJO, J. N. G. D; GREGGIO, M. R.; PINHEIRO, T. M. M. Agrotóxicos: a semente plantada no corpo e na mente dos trabalhadores rurais. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 389-406, 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2013v19n3p389>. Acesso em: 08 abr. 2020.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (Bola De Neve): Uma Técnica Metodológica Para Pesquisa Em Educação Ambiental Comunitária. *In*: Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, X. 2011, Curitiba, Paraná. **Anais...** Curitiba, 2011. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398\\_2342.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf) Acesso em: 28 abr. 2020.

BARTH, M; RENNER, J. S.; NUNES, M. F; SANFELICE, G. R. Características do trabalho na agricultura familiar e sua influência na emigração dos jovens. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 17, n. 41, p. 256-276, jan/jun, 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/64569/37348>. Acesso em: 27 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Agricultura. **Agricultura Familiar**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://antigo.agricultura.gov.br/assuntos/agricultura-familiar/agricultura-familiar-1>. Acesso em: 03 fev. 2020.

BUDÓ, M. D. L. D.; GONZALES, R. M. B.; BECK, C. L. C. Saúde e trabalho: uma correlação de conceitos na perspectiva de uma população rural e de Christophe Dejours. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre-RS, v. 24, n. 1, p. 43-52, 2003. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4436/2362>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CARNEIRO, M. José. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis-SC, v. 9, n. 1, p. 22-55, 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000100003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000100003&script=sci_arttext). Acesso em: 03 mar. 2020.

CASSARIN, H. D. C. S.; CASSARIN, S. J. **Pesquisa científica da teoria à prática**. Curitiba-PR: Intersaberes, 2012. E-book. Disponível em: <https://tinyurl.com/ybsrell6>. Acesso em: 21 abr. 2020.

CATHARIN, K. SACHUK, M. I. O significado do trabalho para as agricultoras familiares inseridas no “programa avicultura colonial” no estado do rio grande do sul, **Qualit@s Revista Eletrônica**, v.13. n. 2, p. 1-15, 2012. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/1499>. Acesso em: 27 out. 2020.

CHEREMETA, M.; PEDROSO, B.; PILATTI, L. A.; KOVALESKI, J. L. Construção da versão abreviada do QWLQ-78: um instrumento de avaliação da qualidade de vida no trabalho. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p.

01-15, jan./jun., 2011. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbqv/article/view/758/600>. Acesso em: 22 abr. 2020.

FERREIRA, M. C.; SOUZA, M. A. D.; SILVA, C. A. D. Qualidade vida e bem-estar no trabalho: principais tendências e perspectivas teóricas. In: FERREIRA, M. C.; MENDONÇA, H. **Saúde e Bem-estar no Trabalho: dimensões individuais e culturais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. E-book. Disponível em: <https://tinyurl.com/y8ee4y9e>. Acesso em: 25 abr. 2020.

FERREIRA, P. I. **Série MBA gestão de pessoas: clima organizacional e qualidade de vida no trabalho**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2013. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-216-2383-0/cfi/133!/4/2@100:0.00>. Acesso em: 27 abr. 2020.

FRANCO, T. B. Trabalho criativo e cuidado em saúde: um debate a partir dos conceitos de servidão e liberdade. **Saúde e Sociedade**, v. 24, supl. 1, p. 98-109, 2015. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902015000500102&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902015000500102&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 26 out. 2020.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2012. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597020991/cfi/6/34!/4@0>. Acesso em: 05 maio 2020.

GIONGO, C. R.; KIELING, M. J.; RODRIGUES, S. G. M. Suinocultor: vivências de prazer e sofrimento no trabalho precário. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, p. 1-11, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3093/309350113009.pdf> Acesso em: 03 fev. 2020.

GIONGO, C. R.; MONTEIRO, J. K.; SOBROSA, G. M. R. Suinocultor: vivências de prazer e sofrimento no trabalho precário. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, MG, v. 29, e147648, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822017000100208&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100208&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 25 out. 2020.

GRAMMS, L. C.; LOTZ, E. G. **Gestão da Qualidade de Vida no Trabalho**. Curitiba-PR: Intersaberes, 2017. E-book. Disponível em: <https://tinyurl.com/y8n87ve5>. Acesso em: 01 maio 2020.

HENTZ, A. **A identidade do agricultor familiar a partir da implantação de sistemas de produção integrados a complexos agroindustriais na zona rural de São Pedro da Serra-RS**. 2014. 101f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/115277>. Acesso em: 27 out. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010: Município de Estrela-RS**. IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/estrela/pesquisa/23/25207?tipo=ranking&indicador=29519>. Acesso em: 02 fev. 2020.

KNECHTEL, M. D. R. **Metodologia da pesquisa em educação uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba-PR: Intersaberes, 2014. E-book. Disponível em: <https://tinyurl.com/y755wbnd>. Acesso em: 21 abr. 2020.

LIMA, E. D. P. ASSUNÇÃO, A. Á.; BARRETO, S. M. **Prevalência de depressão em bombeiros**. Caderno de Saúde Pública, v. 31, n. 4, p. 733-743, abr. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csp/2015.v31n4/733-743/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

LIMA, J. M. M. D. **Distúrbios do sono, sintomas de ansiedade e de depressão e qualidade de vida em trabalhadores rurais em período de entressafra cafeeira**. 2009. 94f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, SP, USP, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5138/tde-05042010-172106/en.php>. Acesso em; 19 out. 2020.

LIMA, O. S. ROCHA, M. D. Preço do leite para pequeno produtor: um breve estudo de caso. In: JORNADA DE ADMINISTRAÇÃO DA UNIEVANGÉLICA, XIV, 2019. Anápolis, GO, **Anais [...]**. Anápolis, GO, 2019. p. 225, Tema: O profissional da administração no contexto das grandes transformações. Disponível em: <http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/racau/article/download/5417/3051/>. Acesso em: 20 out. 2020.

LIMONGI-FRANÇA, A. C. **Qualidade de vida no trabalho – QVT: Conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial**. São Paulo: Atlas, 2010.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing foco na decisão**. São Paulo: Pearson, 2011. E-book. Disponível em: <https://tinyurl.com/yc59ux62>. Acesso em: 10 maio 2020.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2010. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597010770/cfi/6/34!/4@0>. Acesso em: 08 maio 2020.

MERLO, A. R. C.; BOTTEGA, C. G.; PEREZ, K. V. **Atenção à saúde mental do trabalhador: sofrimento e transtornos relacionados ao trabalho**. Porto Alegre, RS: Evangraf, 2014.

MORIN, P. V.; STUMM, E. M. F. Transtornos mentais comuns em agricultores, relação com agrotóxicos, sintomas físicos e doenças preexistentes. **Psico**, Porto Alegre, v. 49, n. 2, p. 196-205, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6676598>. Acesso em: 03 fev. 2020.

OLIVEIRA, K. D. S. O.; BEZERRA, L. R.; BEZERRA, M. A. R.; OLIVEIRA, K. N. D. S.; CARNEIRO, C. T. Fadiga Laboral Em Trabalhadores Rurais. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 14, n. 5, p. 866-876, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3240/324028789002.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2020.

PICOLOTTO, E. L. Reconhecimento da agricultura familiar e as disputas pela classe média rural. **Revista Espaço Acadêmico**, ano XI, n. 128, p. 158-167, 2012. Disponível

em: <http://relats.org/documentos/TrabajoRural.Picolotto.3.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2020.

POPOV, D. Estiagem causa perdas de 30% em lavouras de soja do Rio Grande do Sul. **Canal Rural**, São Paulo-SP, 08 jan. 2020. Notícias. Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/sites-e-especiais/projeto-soja-brasil/estiagem-causa-perdas-de-30-em-lavouras-de-soja-do-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 02 fev. 2020.

REICHERT, L. J.; GOMES, M. C. O processo administrativo e a tomada de decisão de agricultores familiares em transição agroecológica. **Revista de la Facultad de Agronomía**, La Plata, v. 112, n. 2, p. 105-113, 2013. Disponível em: [http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/41964/Documento\\_completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/41964/Documento_completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 17 mar. 2020.

REIMBERG, C. Condições de trabalho no campo ainda são preocupantes. **FUNDACENTRO**, Porto Alegre, 08 jun. 2017. Disponível em: <http://www.fundacentro.gov.br/noticias/detalhe-da-noticia/2017/6/condicoes-de-trabalho-no-campo-ainda-sao-preocupantes> Acesso em: 02 fev. 2020.

SANTOS, L. M. D. **Publicidade e sucessão da atividade rural: Um estudo sobre a influência da publicidade na permanência do jovem agricultor no campo**. 2016. 66 f. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda) – Universidade de Passo Fundo, UPF, Passo Fundo, RS, 2016. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/handle/riupf/994>. Acesso em: 27 out. 2020.

SCHLINDWEIN, V. D. L. D. C. Dor e Sofrimento Oculto: A Desproteção Social Dos Trabalhadores Do Fumo. **Barbarói**, n. 32, p. 82-97, 2010. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/1135/1085>. Acesso em: 07 abr. 2020.

SILVA, A. R. D. **O Significado do Trabalho na Terra do Fumo: perspectivas dos agricultores frente ao sistema integrado de produção industrial em Santa Cruz do Sul / RS**. 2007. 165f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Santa Cruz do Sul, RS, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/707>. Acesso em: 19 out 2020.

SILVESTRE, A. L. **Análise de dados e estatística**. Portugal-PT: Escolar Editora, 2007. E-book. Disponível em: <https://tinyurl.com/ychnyo4b>. Acesso em: 12 maio 2020

SPANEVELLO, R. M.; AZEVEDO, L. F.D; VARGAS, L. P.; MATTE, A. A migração juvenil e implicações sucessórias na agricultura familiar. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis-SC, v. 45, n. 2, p. 291-304, out. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2011v45n2p291>. Acesso em: 17 mar. 2020.

TONET, M. S.; GARCIA, E. L.; REUTER, E. M.; POHL, H. H. Prazer e trabalho: estudo sobre mulheres trabalhadoras rurais. **Saúde & Transformação Social**, Florianópolis, SC, v. 7, n. 3, p. 84-95, 2016. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeettransformacao/article/view/4204/4650>. Acesso em: 07 abr. 2020.

VIRGOLIN, I. W. C.; HILLIG, C.; FROEHLICH, J. M. Um estudo sobre os sentidos do trabalho para os agricultores familiares a partir da pluriatividade. **Extensão Rural**, Santa Maria, RS, v. 22, n. 4, p. 116-134, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/view/10499>. Acesso em: 26 out. 2020.